

# TEOLINDA GERSÃO

Entrevistada por Maria Augusta Silva

FEVEREIRO 2001

(na ocasião do lançamento da edição especial de "A Árvore das Palavras")

Um sorriso musical como as palavras que são a matéria-prima dos seus livros. Teolinda Gersão. Escritora. Acaba de ser lançada uma edição especial de *A Árvore das Palavras*, com ilustrações de Celeste Maia. Uma obra notável. Personagem principal: a então Lourenço Marques. Um livro que Teolinda soube, desde sempre, que iria escrever um dia, apesar da sua passagem por África ter sido relativamente breve, já com 20 anos. Fascinou-a naquela terra uma tão grande mistura de povos e culturas.

Uma outra obra em foco: *Os Teclados*, adaptada ao teatro por Jorge Listopad, «um excelente encenador». Teolinda Gersão sabe que um dia escreverá igualmente um livro com outra paixão em pano de fundo: Lisboa.

(Nota acrescentada em 2013: Este livro viria a ser o romance "A Cidade de Ulisses", publicado em 2011.)

### **A escrita é a árvore do paraíso?**

Pode ser a árvore do paraíso e a do inferno. Na escrita há sempre uma descida ao fundo de nós mesmos, nada fácil Mas sem isso nunca entenderemos os outros nem o mundo.

### **A maior liberdade do ser realiza-se no fundo de nós mesmos?**

A maior liberdade e o maior risco. A liberdade passou e continua a passar por muitos riscos.

### **Ainda é capaz de correr riscos em nome da liberdade?**

Há sempre novos desafios, novas experiências, novos riscos. Estamos sempre a recomeçar. Só assim a vida faz sentido.

### **O segredo dos seus livros reside na musicalidade das palavras?**

A música e a literatura são uma forma de ouvir os outros e o mundo e têm muitas afinidades em termos de arquitectura. A construção de um romance tem qualquer coisa de parecido com a construção de uma sinfonia.

### **Enquanto artes de tempo, a música e a palavra, seja em romance, conto ou poesia, podem ser a grande cura das almas?**

Talvez mais o romance, porque tem de dar-nos a noção de que se passou de uma situação para outra, o que implica um percurso, e um percurso não pode fazer-se independentemente da passagem do tempo e de uma maturação interior. No romance, a ligação com o tempo é central.

### **É melhor ficcionar para compensar o nada?**

Ficção é um modo de construir um universo alternativo, em que podemos equacionar determinadas falhas, erros ou carências, do universo real. Escrevemos sobre aquilo que nos fere e preocupa. A ficção é uma maneira de avançar interiormente, de procurar caminhos.

### **Nem os livros respondem às contradições da condição humana...**

Porque não há respostas. Quando chegamos à idade adulta ganhamos essa sabedoria, percebemos que ninguém nos dará resposta nenhuma, e que temos de ser nós a encontrar soluções. Mas os livros podem propiciar um encontro connosco próprios, porque falam do mundo e do ser humano com um enfoque mais profundo. Aprende-se lendo. E escrevendo.

### **Nessa procura e aprendizagem poder-se-á encontrar a harmonia ou só existirá no cosmo?**

Não existe harmonia no mundo nem sentido na vida. São ideias sedutoras e consoladoras, mas ilusórias. Temos nós de construir o nosso próprio sentido.

### **Para nos defendermos do caos?**

Para conseguirmos sobreviver dentro dele. É a luta de cada um de nós: procurar sentido onde ele não existe.

### **Procurar a felicidade individual?**

A felicidade individual é um objetivo que merece ser perseguido. Pensa-se mais em termos económicos e esquecem-se os afectos e o lazer. Está a construir-se um universo de plástico, em que o essencial é ganhar dinheiro e não o ser feliz.

### **É feliz?**

Procuo fazer aquilo que para mim faz sentido. Felicidade é isso: conseguir fazer o que nos interessa profundamente.

### **Estar na vida com naturalidade é a sua atitude perante o mundo?**

Estou na vida como sou e como gosto de ser. Assumo-me com as minhas qualidades e defeitos. Sinto-me feliz por ser escritora. Não conseguia ver-me a ser outra coisa. Se fosse cantora, actriz ou atleta, talvez sentisse que o passar dos anos traz grandes limitações. Em princípio o escritor poderá escrever até morrer, renovando-se todos os dias...

### **A escrita inscreve-se na arte de envelhecer?**

Os anos trazem-nos alguma sabedoria acrescida e um aprofundamento da visão do mundo. Tudo isso se reflecte na literatura. Há na escrita um percurso, um processo de crescimento que não pára.

### **A memória é o terreno onde tudo se mantém intacto?**

Penso que a memória é dinâmica e em construção. Se contarmos duas vezes a mesma história, não a contaremos da mesma maneira.

### **Já sentiu necessidade do suporte da transcendência?**

Não me sinto ligada a nenhuma forma institucionalizada de religião, embora tenha tido formação católica e ache que a transcendência me diz alguma coisa, tanto no sentido da solidariedade com os outros como na própria busca de sentido. Penso que Deus talvez exista, mas não me preocupo com isso. A arte é também uma forma de transcendência.

### **Como sente o seu livro *A Árvore das Palavras*, agora reeditado em formato de álbum com ilustrações de Celeste Maia?**

Escrevemos para chegar aos outros. É gratificante quando outra pessoa pega no que faço para, a partir daí, criar outra coisa, seja desenho, teatro ou cinema. Gosto imenso do trabalho pictórico da Celeste Maia, que nasceu e viveu na infância e juventude em Moçambique e se sentiu muito identificada com a história do livro.

**Esteve na então Lourenço Marques já numa fase adulta. Sendo um livro que vive muito de memórias de infância, há em si uma memória aprendida?**

Inventei as personagens, desde logo Gita. Não é uma biografia, não sou "eu", mas foi-me relativamente fácil imaginar como seria a minha infância naquele ambiente, que achei mágico. Voltei depois a Maputo, quando estava a escrever o romance, para reencontrar os lugares de que falo nele. Este livro é uma espécie de homenagem de gratidão por África, com a qual aprendi imenso. Admiro muito a cultura africana. Considero que não há culturas superiores ou inferiores, existem culturas diferentes que têm de aprender a dialogar umas com as outras.

**A paz tem de passar por esse diálogo de culturas?**

A paz e o fim do racismo. E, quando digo racismo, falo do racismo entre branco e branco, entre negro e negro, entre branco e negro, entre negro e branco, entre outras raças e com diversos fundamentos. Aprendi, de facto, muita coisa com África...

**Por exemplo...**

Aprendi o respeito pela Natureza, a visão de como o ser humano é pequeno naquela dimensão de espaços e paisagens. Há na ancestral cultura africana o sentido de que o homem não é dono da Natureza mas apenas seu habitante; há uma sabedoria milenar com a qual temos muito a aprender, e que a civilização ocidental perdeu.

## **Uma sabedoria que choca numa África onde o valor da vida humana perdeu significado?**

África está hoje a tentar sobreviver a todo o tipo de crises, há um caos que se instalou e no qual as culturas ocidentais têm a sua parte de culpa, sem que deva ser enjeitada a culpa dos próprios africanos. Tem de assumir-se que a maturidade e a independência passam pela responsabilidade, e que ninguém pode demitir-se dela.

## **Como vê a África colonial?**

A História teria de ser assim? Não teria de ser assim. Mas foi, e não podemos refazê-la. Não há neste livro — porque não há em mim — nenhum apreço pelo colonialismo. Pelo contrário. Mas dentro de uma estrutura de desigualdade e de injustiça, que estava profundamente errada, havia, apesar de tudo, gente que foi para África para sobreviver e não para colonizar.

## **Novo livro?**

Estou voltada, de momento, para o conto: será o meu primeiro livro de contos. Um género difícil, ao contrário do que possa parecer. É uma escrita em que não se pode perder nem espaço nem tempo. Curioso: há poucos grandes contistas na literatura mundial.

## **Referências para sempre?**

A minha mãe, que tem uma força interior espantosa, uma personalidade forte e uma enorme alegria de viver; e o meu pai, que morreu em 1982, e sempre amou os livros e a escrita.